# Amor e namoro na adolescência

Angelina Bulcão Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, A. B. Amor e namoro na adolescência. In: *Quem tem medo da geração Shopping?* Uma abordagem psicossocial [online]. 2nd ed. Apoio collection, 34. Salvador: EDUFBA, 2005, pp. 138-146. ISBN 978-85-232-0925-4. https://doi.org/10.7476/9788523209254.0010.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license.

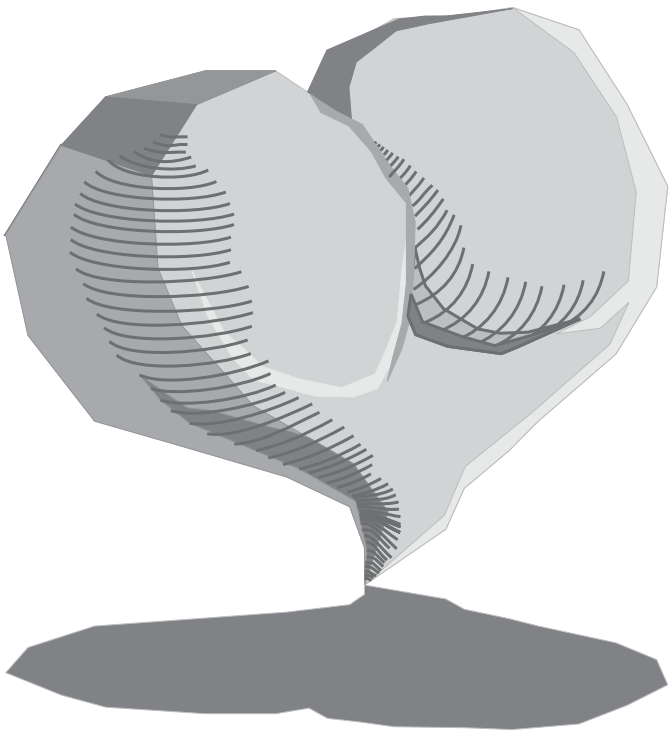
Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribição 4.0.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento 4.0.

# Amor e namoro na adolescência

*É o amor que o sujeito ama, não o objeto.*
(Roland Barthes[1])

*Esse encanto que imaginamos encontrar nos outros,*
*é em nós mesmos que ele existe, e só o amor embeleza*
*o objeto amado.*
(Laclos[2])



Em geral, o primeiro amor e o primeiro namoro ocorrem durante os anos da adolescência. O comportamento de se apaixonar é apontado como uma das características desse tempo de transição[3]. A tal ponto que ao experimentar uma paixão, os adultos costumam dizer que voltaram à adolescência. Talvez porque o amor-paixão rompa com o bom-senso, ameace o equilíbrio esperado das 'pessoas maduras'.

Mas o amor adolescente, muitas vezes, não tem endereço certo. Aquele que tenha condições de personalizá-lo, que empreste a ilusão da completude é, então, eleito.

Objeto de estudo de filósofos[4] e historiadores[5], o amor ultimamente também desperta a atenção de sociólogos. Visando compreender melhor a família em sua constituição e em suas relações, estes têm se empenhado em identificar as mudanças ocorridas no comportamento amoroso. Tais estudos revelam que o conceito de amor - incluindo o amor conjugal, o amor materno ou paterno - é uma criação moderna. Nos séculos anteriores, esse sentimento não era comum dentro da família, assim como a criança não era tão valorizada como nos tempos atuais.

Para a Psicologia da Adolescência é do maior interesse analisar essas mudanças pois, através delas, podemos conhecer não só os aspectos dinâmicos de cada sociedade, de cada época, com seus valores e costumes, mas aspectos importantes da vida do adolescente.

O enamoramento é um fenômeno universal e uma etapa necessária para se adquirir identidade, funções sociais e psicológicas[6].

Embora universal, esta tendência não pode ser reduzida a causas biológicas pois é inegável a influência dos determinantes sócio-culturais[7].

Quem não tem namorado é
alguém que tirou férias não
remuneradas de si mesmo.
Namorado é a mais difícil das
conquistas.
Difícil porque namorado, na
verdade, é muito raro. Necessita
de adivinhação,
de pele, saliva, lágrimas, nuvem,
quindim,brisa ou filosofia. [...]
Não tem namorado quem não
sabe o gosto da chuva, cinema,
sessão das duas, medo do pai,
sanduíche de padaria, ou drible
no trabalho.
Não tem namorado quem transa
sem carinho, quem se acaricia
sem vontade
de virar sorvete ou lagartixa, e
quem ama sem alegria.
Não tem namorado quem faz
pacto de amor apenas com
a infelicidade. [...]
Se você não tem namorado é
porque ainda não enlouqueceu
aquele pouquinho necessário de
fazer a vida parar e de repente
parecer que faz sentido.
Enlouqueça!

*(Artur da Távola)*

"Uma máxima de La Rochefoucault endossada por Roland Barthes diz *"as pessoas nunca se apaixonariam se nunca tivessem ouvido falar do amor".* Essa imagem nos leva a ver a sociedade e a família induzindo o caminho do desejo e dando regras ao jogo amoroso"[8].

Há também diferenças quanto aos padrões de comportamento em função da época, da classe social, região geográfica etc.[9].

Em algumas sociedades, ditas primitivas, as vítimas de afetos mais intensos são reputadas como maus exemplos. No seu relato sobre os samoanos, Margareth Mead conta que eles perdoam os breves casos amorosos, mas repudiam os atos de escolha apaixonada[10]. As expressões dos sentimentos amorosos não são, portanto, fenômenos meramente psicológicos ou fisiológicos, mas fatos sociais constituídos pela linguagem. Não são tampouco exclusivamente individuais.

Considerado como uma das conseqüências do amor recíproco, o namoro é definido como a manifestação inicial da tendência biológica à formação de pares heterossexuais, por atração sexual, que se desenvolve no homem a partir das mudanças orgânicas da puberdade e da adolescência. A tomada de consciência das diferenças físicas e comportamentais, entre as pessoas, ocasiona as primeiras tentativas de sedução e de estimulação afetiva recíprocas[11].

Os adolescentes namoram segundo o modelo aprovado pela sociedade à qual pertencem. Em nossa cultura, eles são influenciados, não apenas pelos companheiros, mas por livros, filmes, novelas que alimentam as fantasias, estimuladoras e sustentáculos de tais ligações[12]

A cultura ocidental parece ser a única que tentou capitalizar tais ligações e fazer delas a base do casamento[13].

## Motivações amorosas

*Que dias há que na alma me tem posto um não sei quê,*
*que nasce não sei onde, vem não sei como e*
*dói não sei porque* [...].

(Luís de Camões)

A experiência de estar apaixonado difere tanto de um indivíduo ao outro que é praticamente impossível defini-la. Uma mesma pessoa pode experimentar sentimentos diversos em cada situação de envolvimento amoroso[14].

Alguns autores[15] consideram o apaixonar-se, na adolescência, de natureza menos sexual do que em idades posteriores. Seria uma tentativa de projetar e testar o próprio eu por meio de outro eu e construindo, assim, a própria identidade. Estudos sobre o fenômeno apontam para motivações das mais diversas ordens: idealizações, rebelião contra a autoridade, sentimento de solidão, etc.[16]

Muitos jovens começam a ter encontros porque se espera esse comportamento deles e não somente por interesse pelo outro sexo[17]. A expectativa do grupo com o qual o adolescente interage pode apressar ou estimular a disposição para o amor ou o namoro. Às vezes este se inicia independente do estado de apaixonamento.

## Relações descartáveis

A mudança dos antigos padrões relativos à decência, pudor, recato, conceituações de felicidade, liberdade feminina, alteraram profundamente o relacionamento entre moças e rapazes. Eles não mais freqüentam escolas exclusivamente femininas ou masculinas, e têm permissão para diversões conjuntas. O prazer sexual deixou de ser considerado pecaminoso, à medida que, na sociedade urbana e consumista, a religião perdeu influência e o peso que tivera na determinação dos valores e comportamentos do indivíduo. (vide Quadro I).

A modernização dos costumes resultou, então, em reformulação da educação, ampliação dos direitos da mulher, maior individualismo, debilitação dos valores familiares e religiosos rigorosos. O prolongamento da escolaridade propiciou maior convivência em grupos. O advento da pílula, a importação dos valores e idéias de países mais desenvolvidos transmitidos pelos meios de comunicação se acrescentam a essas transformações.

Do forte interesse romântico, tendo como finalidade o casamento (vide Quadro II), o namoro consiste, hoje, em experiências agradáveis, sem compromisso de matrimônio.

*"Essas novas formas de relacionamento só puderam vingar em uma sociedade marcada pelo individualismo, pelo igualitarismo. Uma sociedade formada por indivíduos que se pensam autônomos, singulares, que valorizam a espontaneidade, a liberação da sexualidade e da agressividade, a verdade interior e o desejo próprio. Uma sociedade hedonista, consumidora e pouco resistente à frustração. 0 indivíduo se sente como se dependesse basicamente dele mesmo e como se*

*todas as escolhas a serem feitas fossem uma questão de "opção individual"*. (Jacqueline Chaves[18])

A falência dos namoros pode ser atribuída às injunções do sistema mercantilista que prevalece no mundo contemporâneo. O homem-mercadoria se relaciona com os outros homens como se relaciona com os objetos materiais: possuindo-os e usando-os. Essa característica do *homo consumens* é estimulada, permanentemente, pela incessante criação de novas necessidades que reforçam o desejo de ter em detrimento do ser.

*"Todo sistema de cortejar é de mercado ou troca. Difere um do outro, quanto a quem faz a compra e a venda, cujas características são mais ou menos valiosas neste mercado e quanto à troca ser livre ou explícita. O sistema capitalista acaba, então, reduzindo o ser humano em suas possibilidades relacionais, comprometendo a sua percepção no que se refere ao amor"* (Goode[19]).

As relações entre os namorados tornam-se, então, relações entre objetos descartáveis. Por isso o sentimento de solidão é tão acentuado nas sociedades industriais, principalmente nas classes mais altas.

Por essas razões, muitos crêem que o namoro não tem mais funcionalidade, é uma coisa do passado, substituído pela paquera, a "curtição", o "ficar".

*"0 que as pessoas agora parecem estar percebendo é que a falta de limites acaba gerando situações bastante desagradáveis na família e em suas vidas pessoais. 0 problema agora é como definir estes limites. Há trinta anos, os limites eram claros. Agora o que se percebe é que as pessoas oscilam entre os modelos mais tradicionais e os mais modernos e não parecem estar satisfeitas com nenhum. Estamos em pleno reino da desorientação"* (Jacqueline Chaves[20]).

Entretanto, os depoimentos sugerem uma certa perplexidade, sentimentos confusos, pitadas de insatisfação nos relacionamentos afetivos. Um grande número parece acreditar numa complementação plena e insiste em procurá-la. Essa busca vã pode explicar, em parte, os namoros sucessivos, muitas vezes interrompidos pelas desilusões causadas.

## QUADRO I

## O NAMORO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Nos estudos historiográficos e nas análises sociológicas do casamento e da família no Brasil, amplamente desenvolvidos pelo antropólogo Thales de Azeve-

do[21], o namoro, sob o regime patriarcal do Brasil colonial, praticamente não se distinguia do noivado'[22].

A escolha de cônjuges para as filhas, e até para os filhos, era um privilégio, quase exclusivo, do *pater familiae*, pois o casamento estava a serviço da manutenção dos grupos de parentesco em que apoiavam a ordem social, a economia, a política e a própria realização pessoal dos indivíduos[23].

No século XIX, o antigo padrão começou a ser gradualmente substituído pelo ideal romântico.

Até então o amor estava vinculado apenas ao exercício da sexualidade. E tanto a sexualidade como o casamento tinham um objetivo social, a serviço da comunidade e da família.

Daí a oposição entre amor e casamento vivida pela tradição "cortês" do século XII. O amor cortês foi criado e difundido pelos trovadores do século XIII que não o julgavam possível entre marido e mulher. Reflexo da religiosidade do século XII, exigia um relacionamento de natureza idealizada, acima do nível físico. Os amantes não se casavam. Geralmente a dama era esposa de um nobre, o que não impedia o cavaleiro de adorá-la. Não era uma mulher de carne e osso e, sim, a personificação do ideal feminino que o homem não conseguiria atingir. Ambos mantinham acesa a paixão e o desejo. Mas deveriam espiritualizá-los, evitando reduzi-los aos aspectos prosaicos do casamento e do sexo.

O amor romântico exerceu, portanto, apenas um pequeno papel no casamento europeu até o final do século XVIII quando surgiu o movimento chamado Romantismo.

A literatura de ficção desta época revela a eclosão de rebeldia romântico-individualista que inaugura o novo tipo de relação pré-matrimonial. Inspirados pelas novas idéias, os jovens privilegiaram suas inclinações interiores em detrimento da propriedade, da estabilidade das instituições, dos desejos dos pais[24].

Brasil foi atingido pelas mudanças ocorridas nas capitais além-mar. Os modelos burgueses foram, aos poucos, assimilados por nossa sociedade. Firmaram-se devido, em parte, à vinda da família real e, conseqüentemente, da maior comunicação com o exterior propiciada pela abertura dos portos, e, também, devido à oportunidade dos filhos dos senhores de engenho, de fazendeiros e profissionais liberais de estudarem nas universidades estrangeiras.

As classes altas adotaram estilos de vida europeus e os papéis amorosos se diferenciaram, segundo níveis econômicos *e, principalmente, culturais*[25].

"No período romântico da literatura brasileira (especialmente a literatura urbana) é possível observar que a escolha do cônjuge era condição de felicidade feita, porém, dentro do quadro das proibições da época.

Ama-se, porque todo o período romântico ama.

Ama-se o amor e não propriamente as pessoas.

Apaixona-se, por exemplo, por uma moça que seria a dona de um pezinho que por sua vez seria o dono de um sapato encontrado.

O amor parece ser uma epidemia que contagia as pessoas as quais, uma vez contaminadas, passam a suspirar e a sofrer no desempenho do papel de

apaixonados. Tudo isso em silêncio, sem ação, senão pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer.

Ama-se, então, um conjunto de idéias sobre o amor".[26]

Na transição da ordem patriarcal para uma sociedade de classes, tornou-se necessário que o amor-paixão, improdutivo e incompatível com o matrimônio se transformasse num amor mais doméstico, limitado pelas relações conjugais[27].

Redefiniu-se o conceito de amor e, assim, ele perdeu o caráter de transitoriedade. Foi, então, dessexualizado, tendo por alvo a procriação. Disso resultou a camuflagem ou apagamento do discurso erótico e o elogio à pureza.

Por outro lado, a valorização dos papéis de esposa e mãe resultou no enaltecimento do amor maternal, conjugal e filial. Em nome deste amor, uma série de deveres foram impostos às mulheres. A condição de amar e ser amada exigia renúncia, dedicação e submissão.

"Se o amor romântico era algo que se alimentava, exatamente, de obstáculos, de breves separações seguidas exaltadas reconciliações, como conciliá-lo com o casamento que é, essencialmente, hábito, rotina e cotidianidade? Como superar a dicotomia entre valores de individualidade onde a atração pessoal e a idealização amorosa estão presentes com os resquícios do binômio dominação-subordinação da ordem patriarcal?"[28]

Os jovens foram, então, estimulados pelo discurso do romantismo e, ao mesmo tempo, educados para o casamento indissolúvel e perene.

Um marco da transformação do namoro antigo foi a modernização das grandes cidades com a institucionalização do *footing*, ocasião para o *flirt*, um primeiro comércio de olhares, aparentemente casuais, gestos significativos. As moças se expunham deliberadamente, ainda que de modo simulado, à conquista, pelos rapazes, visando o namoro[29].

Num livro intitulado "Pequeno Ensaio de Psicologia Urbana", João do Rio, considerou o *flirt* um "brinquedo torturante" e o descreveu como uma espécie de conquista amorosa sem amor, desejo de inspirar o amor sem o sentir. Um jogo, muitas vezes de iniciativa da mulher, praticado nas grandes e pequenas cidades de todo o mundo. É interessante notar que o autor o rotulava um "gozo", referindo-se a uma neurastenia absoluta com todos os fenômenos de receio, hesitação e inibição do desejo, atribuído à ansiedade que reinava na virada do século XX[30].

A moça consentia novos encontros, ou permitia ser acompanhada pelo pretendente à escola, às aulas de musica, à igreja, recebê-lo à porta, ou debai-

xo da janela, para conversar baixinho, discretamente, evitando ser vista pelos familiares ou vizinhos. Missas, novenas do mês de maio eram ocasião de encontros.

Firmava-se a norma do consentimento individual condicionado, elegendo-se os candidatos ao casamento pela simpatia, pela atração física, pela correspondência afetiva, subordinados a critérios de estamentos ou de classes sociais[31] .

Oculto, clandestino, disfarçado, o namoro dependia, muitas vezes da participação de alcoviteiros (amigos, em geral) e da companhia de tias solteiras, ou irmãos, para saídas e encontros.

Um antigo manual dos namorados recomendava ao par masculino toda prudência ao encarar, ou no dirigir-se, à jovem cujo amor se pretendia. A recíproca aquiescência traduzia-se na troca de olhares e, depois, no estabelecimento da conversa, ou intercâmbio de bilhetes e recados[32] .

Para atingir a amada, o enamorado tinha que se valer de sinais de comunicação à distância. Para conseguir passar a mensagem, valia tudo: linguagem dos leques, da bengala, das pedras preciosas, das flores, plantas, cores etc.

Se ela quisesse perguntar *Posso contar com amor correspondido?* apertava, junto ao coração, o leque aberto. Se o colocasse no rosto, escondendo os olhos, estava dizendo: *te amo!* O leque ainda servia para dizer sim, ou não, ao ser encostado à fase direita ou esquerda.

Ele segurava a bengala nas duas pontas para declarar *amo-te!*. Colocava-a debaixo do braço para pedir um sinal qualquer. Girava-a em frente ao rosto para avisar que eram observados. Encostava-a no queixo para dizer: *preciso falar-te!*

Um objeto de cor branca significava: *Cândida, pura, inocente. tens em mim um amplo ascendente.* Um objeto roxo simbolizava: *Paixão de amor me domina. De ti pende a Medicina.*

Exibir um palito significava: *preciso mandar-te um recado e quero um portador para ele.* Mostrar uma charuteira era sinônimo de: *na volta nos falaremos*. Mostrar uma chave queria dizer*: os obstáculos hão de ser vencidos.*

## Notas

[1] *In* Barthes, R., *"Fragmentos de um Discurso Amoroso"*, 1981, p. 23.

[2] *In* Laclos, *"Ligações Perigosas",* 1970.

[3] Entre outros, Jersild, A., *op. cit.*; Hurlock, E., *op. cit.*; Blos, P., *op. cit.*

[4] Abraham, Tomas, filósofo argentino, autor de *"La Guerra del Amor"*, 1992.

[5] Ariès, P, historiador francês, autor de *"A História Social da Criança e da Família"*, 1985.

[6] *In* Jersild, A., *op. cit.*

[7] Kroeber, 1948, *apud* Azevedo T. *"As Regras do Namoro à Antiga"*, 1986.

[8] *In* Trigo, M. H. *"Amor e Casamento no século XX"* in D'Incao, M. A. *et al*., *op. cit*.

[9] *In* Pfromm Netto, S., *op. cit.*

[10] *In* Mead, M., *"Adolescencia y Cultura en Samoa"*, 1970.

[11] *In* Azevedo, T., *op. cit.*, 1986.

[12] *In* Hurlock, E., *op. cit.*

[13] *In* Linton, R. *"The Study of Man"*, 1936.

[14] *In* Jersild, A., *op. cit.*

[15] *In* Erikson, E. *apud* Rocheblave-Spenlé, A. M., *op. cit.,* 1969.

[16] *In* Hurlock, E., *op. cit.*

[17] Crist, 1953, *apud* Hurlock, E., *ibidem.*

[18] *In* Chaves, J. C., *"Ficar Com"*, 1994.

[19] *In* Goode, W. J., *"A Família"*, 1970.

[20] *In* Chaves, J. C., *op. cit*., p. 27.

[21] *In* Azevedo, T., *op. cit.*, 1986.

[22] O adjetivo "tradicional" é usado, por Thales de Azevedo (*op. cit*.), para se referir a costumes que datam de épocas recentes, mas que estão cedendo a novas formas e regras sem, contudo, perderem de todo sua vigência.

[23] *In* Azevedo, T., *op. cit*., 1986.

[24] *Ibidem.*

[25] *Ibidem.*

[26] *In* D'Incao, M. A., *op. cit.*

[27] *In* Trigo, M. H., *ibidem.*

[28] *Ibidem,* p. 90.

[29] Azevedo, T., *op. cit.*, 1986.

[30] *Ibidem.*

[31] *Ibidem.*

[32] *In* Botafogo, D. J. *"Manual do Namorado"*, 1953.